

01

Os Compositores

02/05/99

Domingo passado falei que teríamos nos dedicado hoje aos concertos grossos alemães, após termos já assistido as origens desse ilustre gênero musical. Mas refleti depois que antes de enfrentar os brandenbúrgueses de Bach seria interessante correr mais um pouco a história do concerto grosso italiano da qual os alemães auferiram notáveis experiências.

As escolas instrumentais italianas são fundamentalmente duas, a veneziana e a romana com suas conseqüências napolitanas. A esta última pertence Geminiani, discípulo

e continuador de Corelli, do qual vamos ouvir ainda o Concerto Grosso n. 01 em Ré Maior em seus quatro andamentos, a saber: adagio, allegro, adagio, allegro. Como já dissemos esta interessante arquitetura pode ser comparada a estrutura do palácio barroco, sendo o primeiro adagio quase a entrada do edifício, o allegro, com traços de tratamento fugato correspondendo à seqüência dos salões de representação com os grandes espelhos que os refletem como numa fuga enquanto o adagio central tem o espírito dos aposentos residenciais e o último allegro o ar livre do parque que completa o palácio. Clara é nesse concerto grosso a contraposição do tutti ou concerto

grosso e do grupo de solistas que formam o concertino. Seja claro que estamos ainda longe do solismo que começa a ser vislumbrado nos venezianos, de Vivaldi em diante, e que atingirá o auge com Bach, preparando a grande literatura do concerto clássico para solo e orquestra: tanto é verdade que nos tutti o concertino se ajunta a massa em uníssono com seus instrumentos e com ela se integra. Nesse concerto de Geminiani parece-me bastante relevantea semelhança acima acenada com a arquitetura do palácio barroco pelo caráter grave e solene do primeiro adagio , o espírito nobre do allegro seguinte, a íntima expressividade do segundo adagio e o

04

espírito dançante do último movimento com caráter de giga.

Toca a Orquestra Barroca Inglesa sob a regência de Herman Scherchen.

Música (10 min)

Concerto Grosso n. 01

Disco: 01 Lado: A Faixa: 01

A escola veneziana, pelo contrário, pertence Tomaso Albinoni, compositor de altíssimo nível talvez não suficientemente valorizado pôr ter vivido na Veneza do seu contemporâneo Vivaldi. Tratou a música instrumental com grande mestria e a ópera, tendo nos deixado não menos de oitenta trabalhos teatrais hoje quase inteiramente

esquecidos. A fertilidade dos compositores barrocos é incrível, e talvez possa ser explicada com o fato de que muitos deles tinham uma equipe às suas ordens, à qual delegavam o trabalho de extrair as partes de partitura e às vezes até de completar a partitura.

Se nos romanos prevalece o sentimento estrutural, o rigor rítmico e uma certa nobre severidade, os venezianos primam pelo cuidado da cor sonora pela penetrante expressividade e pela criatividade melódica. O concerto de Albinoni que vamos ouvir agora, isto é, o Concerto A opus 5 n. 12 em Dó maior já representa um avanço na concepção da relação entre concertino e tutti, no

06

caminho já indicado pôr Vivaldi. De fato, o concertino é aqui representado somente pôr um violino, cujas intervenções as vezes assumem caráter quase solístico, firme permanecendo a típica estrutura do concerto grosso. Note-se principalmente a beleza da criatividade melódica, sobremaneira nos andamentos lentos e o colorido brilhante dos andamentos vivos.

Música (12 min)

Concerto A opus 05

Disco:02 Lado: A Faixa: 02

Terminamos o panorama de hoje com um concerto grosso de Giovanni Battista Pergolesi, compositor nascido em Jesi, na Itália Central mas

formado no ambiente napolitano onde teve como mestres ilustres representantes daquela escola.

Pergolesi é outro compositor que nos surpreende com o volume da sua produção, impressionante quando se pense que morreu com a idade de 26 anos. É ele responsável pelas origens da ópera bufa napolitana que praticamente descende de sua “Serva Padrona” e pelo momento mais alto da música sacra do barroco italiano pela penetrante expressividade do seu “Stabat Mater”. Mas Pergolesi dedicou-se também à música instrumental deixando numerosas obras e principalmente uma valiosíssima série de concertos grossos. Esses últimos foram

08

contestados pôr um estudioso holandês e atribuídos a Ricciotti, mas não a menor prova de que isto possa ser verdadeiro. E se forem de Ricciotti, ótimo para ele, porque se trata de obra de grande valor.

Pessoalmente acho que se trata de Pergolesi justamente pôr aquele caráter elegíaco e terno que conhecemos em suas óperas e em sua música religiosa. Insisto nisto porque acho que o estilo pergolesiano no tratamento instrumental e principalmente na harmonia é bastante responsável pelas características do barroco musical mineiro. Creio que os franciscanos sejam responsáveis pôr isto; se um Bernardo Bitti franciscano trouxe da

09

Europa cópias de grandes pintores e sobre elas formou a Escola Cusquenha de pintura, porque não pensar que algum franciscano músico tenha trazido da Itália algum pergolesi e outros barrocos semelhantes para educar musicalmente os talentosos mineiros? Outra característica dos concertos grossos de Pergolesi é o sutil tratamentos cromático da melodia, justamente para focar a sua elegíaca expressividade.

Vamos ouvir então o Concerto Grosso n. 01 em Sol Maior de Pergolesi com a Orquestra Sinfônica de Winterthur regida pôr Ângelo Ephrikian, armênio de origem mas

profundo estudioso do barroco italiano e notadamente de Vivaldi.

Música (12 min)

Concerto Grosso em Sol Maior

Disco: 03 Lado: A Faixa: 01

Hoje vamos introduzir uma novidade nas nossas conversas, um passeio através de vários países, completando com a música erudita o interessante passeio internacional de música popular que nos precede. E iniciamos com a Espanha onde ficaremos pelo menos um mês pela riqueza das sugestões que nos oferece.

Hoje estamos em Sevilha, no dia de Corpus Christie: a cidade é animadíssima e a festa religiosa não

deixa de conter um forte cunho folclórico. Os homens carregam os andores das imagens sagradas, festejados pelo povo que logo após concluirá o dia santo com uma animada dança espanhola.

Vamos ver como Isaac Albeniz nos descreve esse dia de Corpus Christie em Sevilha, na sua coletânea "Ibéria" feita de peças evocativas de aspectos naturais, sentimentais e étnicos de várias regiões espanholas. Depois de algumas peças juvenis de cunho fortemente folclórico, nas pegadas daquela reviviscência do nacionalismo hispânico promulgada pôr Felipe Pedrell, foi estudar em Paris no auge do momento impressionista. E Ibéria é a Espanha